

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Mobiliário

PORTUGUÊS

MN&A
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

IMPrensa
NACIONAL

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Mobiliário

PORTUGUÊS

Índice

- 6 **Introdução**
Maria da Conceição Borges de Sousa
- 11 **A exposição**
Maria da Conceição Borges de Sousa
- 49 **Obras em destaque**
- 103 **Obras em exposição**
- 127 **Glossário**
- 129 **Bibliografia**

Introdução

Maria da Conceição Borges de Sousa

A COLEÇÃO DE MOBILIÁRIO PORTUGUÊS do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) apresenta quatro séculos de produção nacional, preenchidos de forma suficientemente representativa, que permite entender ou avaliar uma linguagem específica ou a afirmação de uma matriz artística ao longo do seu percurso. A possibilidade de percorrer a produção de mobiliário nacional ao longo desse vasto arco cronológico é, em si mesma, excepcional no quadro dos museus portugueses.

A grande maioria dos móveis pertencentes a este Museu, para além da incorporação de legados, doações ou aquisições, provém do acervo conventual, na sequência da publicação, em 28 de maio de 1834, no quadro das lutas liberais, do decreto de extinção dos conventos, emanado com caráter imediato para os conventos masculinos e gradual para os femininos que deveriam encerrar com a morte da sua última freira.

Essa avultada proveniência de mobiliário de origem conventual, assente num importante corpo de dados documentais, é inestimável pela autenticidade inerente, pelos dados que revela sobre o enquadramento social, sobre a vida quotidiana e sobre as próprias técnicas de execução, uma vez que boa parte das peças chegaram até hoje sem qualquer intervenção. O percurso de cada peça e a sua preservação através de sucessivas gerações é, por si mesmo, central para a interpretação e estudo do móvel no contexto social e cultural.

Foi longo o espaço temporal que levou ao reconhecimento, no MNAA, do mobiliário português como coleção autónoma no âmbito das outras artes ornamentais (Pinto, 2000, p. 13). Os móveis encontravam-se dispostos de forma heterogénea ou obedecendo a critérios estéticos, acumulando frequentemente a função de barreira para as pinturas expostas ou ainda servindo de apoio para expor outras peças.

A EXPOSIÇÃO



A exposição

Maria da Conceição Borges de Sousa

SALA 36

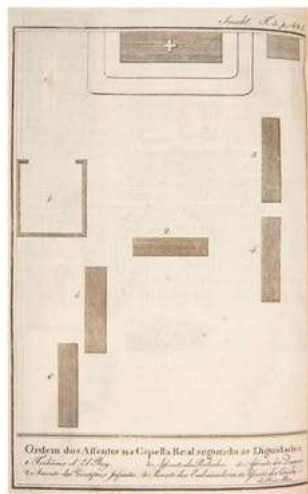
Uma porta de armário em carvalho com decoração entalhada em pregueado, datável do final de Quatrocentos, convida a entrar para o primeiro núcleo expositivo, que integra um dos mais antigos móveis existentes em Portugal, a rara e importante cadeira de estado, ou estadela (inv. 51 Mov, p. 52), que terá sido usada pelo rei D. Afonso V (1438-1481) quando este se recolhia ao seu Convento do Varatojo (convento franciscano por ele mandado construir numa sua propriedade nos arredores de Torres Vedras, em 1470, em cumprimento de um voto a Santo António pelo auxílio nas conquistas africanas). Aí, segundo o cronista Rui de Pina, o rei pretendia recolher-se «em abitos honestos de Leigo, e nam com obrigação de Relligiam» (Pina, 1902, vol. III, p. 148, *in* Abreu, Bastos e Ribeiro, 2005, p. 38, nota 91).

Entendida como memória do fundador e da sua permanência no convento, a cadeira foi preservada e referida frequentemente nos vários textos dos cronistas da ordem. Desde logo, frei Francisco da Assunção, guardião do convento, relata numa memória datada de 1616 que «ainda agora se guarda em o convento hua cadeira de pao em que elle [D. Afonso V] se assentava [...] e ao longo do choro estaa a sua tribuna Real aberta para o mesmo choro a qual tinha para fora do convento hua janella de [que] dizem [que] ouvia as pessoas que lhe vinhão a fallar, e [que] deitava esmolos aos pobres...» (Abreu, Bastos e Ribeiro, 2005, p. 38, nota 92). A possibilidade de este móvel ter pertencido ao período em que viveu o monarca português foi ainda confirmada em 2001 por meio de análise dendrocronológica da sua madeira.

A importância desta peça reside não só na sua raridade, mas simultaneamente na carga simbólica de que um móvel de assento deste tipo (reservado ao mais alto cargo) se reveste na esfera social, no aparato que distingue hierarquias, em suma, de quem exerce a autoridade.

Atente-se que o protocolo que enquadrava o «estar sentado» era rigoroso, traduzindo prerrogativas de estatuto social, acentuadas pela própria estrutura do móvel de assento, que, colocado sobre um estrado, apresentava encosto alto, baldaquino e braços. A documentação que refere os tronos, ou assentos reais, varia na descrição sobre os elementos decorativos neles existentes, desde a riqueza do tecido que os cobre «hum pano de cadeira de brocado de prata e ouro» (Sousa, 1742, t. II, p. 477) às «quartinhas [cortinas] douvir missa» (*idem*) que na capela, enquadravam o seu espaço, delimitando e sacralizando-o. Nas cerimónias oficiais, era determinado com detalhe os vários tipos de assento presentes, muitas vezes acompanhado do respetivo desenho e especificando a sua colocação no aposento – «he segumdo aquy per pintura será devissado» (Serra, 1793, t. III, p. 420) –, para que não houvesse qualquer possibilidade de erro (figs. 1 e 2).

No capítulo 6 do *Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V*, que refere a «*Detriminação do Conselho d'ElRey acerca da maneira que se aja de ter com os Embaixadores dos Rex e Principes estrangeiros, que a sua Corte vierem, asy acerca do asentamento em sua Capela como das outras cerimonias*», pode ler-se: «Que o bamquo do asentamento seu deles em sua capela se ponha outra parte comtraira, donde estiver a sua cortina, abaixo do bamquo dos preladados, em tal maneyra que fique em deryto da cortina; e de guisa que eles nom descubram a boca da dita cortina, para verem o que o dito Senhor demtro faz [...] E sse alguñ dos Embaixadores for cleriguuo, ou Religioso, estará no bamquo dos Prelados [...] Em casso que a Corte [...] venham juntamente Embaixadores de dous ou tres Rex, ou principes, [...]. far-se-há a deferemça de huñs aos outros no asentam [...] Idem. Se detriminou em conselho do dito Senhor acerca do asentamento dos Duques seus vasalos em sua capela, que fosse em bamco deryto, e nom atravesado, nem tevesem cadeira» (Serra, 1793, t. III, p. 421).



Figs. 1 e 2
«Ordem dos assentos na Capella Real Segundo as Dignidades», in *Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V* (Collecção de Livros inéditos de Historia Portuguesa), pp. 420-421

OBRAS EM DESTAQUE



**Arca**

Portugal, c. 1650-1700
Madeira de vinhático, pau-santo
e latão dourado
93,5 × 163,5 × 77,5 cm
Proveniência: compra,
Leiria & Nascimento, 1945
MNA, inv. 1452 Mov

Na história do mobiliário, a arca é um dos modelos mais antigos. Estes móveis não só guardavam os mais diversos bens, como podiam ser utilizados como mesas, como assento ou mesmo como leitos. Figurando em maior número nos inventários dos séculos XVI e XVII, a arca assume variantes técnicas, formais e decorativas que traduzem influências estéticas e culturais, propiciando leituras que transcendem o simples objeto. É disso exemplo esta excepcional arca em pau-santo e vinhático, decorada com trenzados e pontuada com ferragens douradas que evocam claras influências orientais.



Cadeira de imagem

Portugal, c. 1750

Madeira de casquinha dourada
e pintura estofada

43,5 × 21 × 14 cm

Proveniência: Convento do Sacramento
de Alcântara, Lisboa, 1913

MNAA, inv. 725 Mov

**Cadeira de secretária
e de barbear**

Portugal, c. 1750-1775

Madeira de pau-santo, casquinha
e pele tingida

94,5 × 87 × 59 cm

Proveniência: compra, Maria
Adelaide de Mendonça, 1930

MNAA, Inv. 1165 Mov

Na segunda metade do século XVIII, diversificam-se as tipologias dos móveis de assento: cadeiras para jogo, de secretária, de leitura ou, como neste caso, de barbeiro. De estrutura idêntica à da cadeira de secretária, esta peça apresenta o espaldar alto, de forma a permitir descanso para a nuca enquanto o barbeiro desempenhava o seu trabalho. As formas *rocaille* executadas em talha baixa, os apoios dos braços, a curvatura das costas e as pernas galbadas denunciam a leveza, elegância e conforto que orientaram a decoração desta época. A requintada bacia de barbear e o gomil em prata, na vitrina próxima, eram alguns dos utensílios necessários para o ofício, quando se tratava de personagens importantes. A qualidade da cadeira associa-se ainda à importância da profissão de barbeiro no seio da comunidade pois, além de figura viajada, este prestava muitas vezes tratamentos médicos.



Lavabo

Portugal, 1828-1843

Madeira de casquinha folheada a mogno e decoração dourada; prata Jarro, bacia e esponjeira, Lisboa, 1828-1843

Mestre ourives Isidoro José dos Santos (jarro e bacia)

24,7 × 21 cm (jarro);

12,3 × Ø 33 cm (bacia);

11,1 × Ø 9 cm (esponjeira)

Proveniência: Legado Barros e Sá, 1981

MNA, inv. 1576 Mov; 1076/1077/1078 Our

Também designado por *saut de lit* (colocava-se próximo do leito), este tipo de lavabo aparece em França no início do século XIX. Nesta peça, destaca-se o equilíbrio entre a austeridade das estruturas circulares da base e do topo e a leveza dos dois cisnes laterais. A execução requintada do móvel e a bacia e o jarro em prata (geralmente, em porcelana) indiciam a importância do seu proprietário e a evolução dos cuidados de higiene. Concebido pelos arquitetos franceses Charles Percier e Pierre Fontaine, o estilo Império teria, em toda a Europa, declinações diversas de acordo com a ideologia dos contextos políticos; em Portugal, a sua difusão é relativamente superficial. Como em vários outros móveis portugueses deste período, as aplicações em madeira dourada substituem os bronzes.

**Mesa de centro**

Portugal, c. 1810-1825

Marcada com monograma (CMF)

com coroa ducal

Madeira de casquinha, mogno e latão;
escaiola (tampo)

79 x Ø 69 cm

Proveniência: compra, Alfredo Ramos,
1937

MNAA, Inv. 1381 Mov

Mesa com tampo redondo em escaiola, reproduzindo, ao centro, a gravura inglesa (exposta) *The Darling Asleep*, de 1809, emoldurada por friso circular de inspiração neogótica e com inscrições em português. O gesso e a cola natural constituem o material base da escaiola, que integra ainda pigmentos, pó de mármore e outros elementos.

Trata-se de uma técnica muito antiga que, na Itália do século xvii, é adaptada ao mobiliário. Coleccionados em vários países europeus, os tamos de mesa em escaiola, que imitam bem os *tavoli intarsiati* de mármore e pedras duras, passam a integrar, no século xix, temas de cariz neoclássico, como neste caso.



Fole para empoar cabeleiras

Portugal, c. 1760
Madeira de casquinha lacada e dourada
36 × 13,5 cm
Proveniência: desconhecida
MNAA, Inv. 896 Div



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1750
Madeira de mogno com pintura
acharoadada e dourada; latão dourado;
expositor de casquinha (interior)
32 × 31,5 × 24 cm
Proveniência: Legado Barros e Sá,
1981
MNAA, Inv. 117 Cx



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1750
Madeira de pau-santo e márfim
28 × 19 × 22 cm
Proveniência: Legado Barros e Sá,
1981
MNAA, Inv. 114 Cx



Licoreira

Portugal, c. 1780-90
Madeira de pau-cetim, pau-rosa
e ébano sobre casquinha
21 × 17 × 17 cm
Proveniência: compra, coleção
Aragão, 1902-1903
MNAA, Inv. 97 Cx; Inv. 208-212 Vid



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1750
Lixa (pele de cação) sobre casquinha
e latão
27,5 × 18,4 × 9,7 cm
Proveniência: doação, Maria
da Pureza O'Neill de Mello, 2018
MNAA, Inv. 147 Cx



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1770
Madeira de nogueira e ferragens
em prata
41 × 37 × 25 cm
Proveniência: Legado Barros e Sá,
1981
MNAA, Inv. 119 Cx



Caixa para chá (contém duas latas de folha estanhada)

Portugal, c. 1775-1800
Raiz de mogno, buxo e pau-santo
sobre casquinha, latão
13 × 17 × 12 cm
Proveniência: legado, J. L. Gonçalves
Nunes, 1976
MNAA, Inv. 96 Cx



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1780-1820
Lixa (pele de cação) sobre casquinha
e latão; prata (talheres) sem marcas
19 × 12 × 10 cm
Proveniência: Legado Barros e Sá,
1981
MNAA, Inv. 118 Cx; Inv. 1511-1524 Our



Estojo de faqueiro

Portugal, c. 1750-1775
Madeira de pau-santo, cedro
da América do Sul, buxo e márfin,
expositor de cedro forrado
de veludo de seda e galão de seda
(interior)
41 × 39 × 24 cm
Proveniência: compra,
José de Figueiredo, 1937
MNAA, Inv. 42 Cx

Exposição

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO

António Filipe Pimentel

Maria da Conceição Borges de Sousa

COLABORAÇÃO

Patrícia Milhanas Machado

PROJETO DE RENOVAÇÃO

Manuela Fernandes, DGPC

TEXTOS

Alexandra Markl

Ana Kol

António Filipe Pimentel

Celina Bastos

Joaquim Oliveira Caetano

Luísa Penalva

Maria da Conceição Borges de Sousa

Maria João Vilhena de Carvalho

Patrícia Milhanas Machado

Paula Brito Medori (revisão)

Miguel Metelo de Seixas (identificação heráldica)

TRADUÇÃO

John Elliott

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Sofia Júlio

Colaboração: Conceição Ribeiro, Susana Campos

LABORATÓRIO JOSÉ DE FIGUEIREDO

Belmira Maduro (ourivesaria)

Luís Filipe Pedro (têxteis)

Margarida Cavaco (mobiliário/consultoria)

Identificação das Técnicas e dos Materiais:

Lília Esteves (madeiras), Luís Filipe Pedro (têxteis)

DESIGN GRÁFICO

FBA.

PRODUÇÃO GRÁFICA

De Metro a Metro

CONSTRUÇÃO

J. C. Sampaio, Lda.

MONTAGEM

Museu Nacional de Arte Antiga

ILUMINAÇÃO

Vítor Vajão, Atelier de Iluminação
e Eletrotécnica, Lda.

Roteiro

CONCEÇÃO, PLANIFICAÇÃO E TEXTO

Maria da Conceição Borges de Sousa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Sousa

Andrea Cardoso

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Milhanas Machado

DESIGN GRÁFICO

Overshoot Design

REVISÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

DGPC – Divisão do Património Imóvel, Móvel e

Imaterial – Arquivo de Documentação Fotográfica

Coordenação: Alexandra Encarnação

Fotógrafos: Luísa Oliveira, José Paulo Ruas

Inventariação: Tânia Olim

Tratamento de imagem: Pedro Barros

À exceção das seguintes imagens:

Cortesia Cabrel Moncada Leilões/foto Vasco Cunha Monteiro: fig. 19 e págs. 89, 121 (inv. 1782 Mov);

DGPC/ADF/Carlos Monteiro: figs. 4, 26 e págs. 65, 110 (inv. 88 Met, 1662 Mov), 111 (inv. 297 Mov), 112 (inv. 510 Mov, 54 Mov);

DGPC/ADF/José Pessoa: figs. 7, 10, 11, 15, 24, 25 e págs. 55, 57, 62, 63, 67, 72 (inv. 685 Mov), 73, 75, 78, 79, 81 (inv. 330 Our; 329 Our), 83-85, 87, 88, 90-93, 95, 96, 97, 100, 101, 104 (inv. 387 Mov), 106 (inv. 67 Tap, 1735 Esc), 107 (inv. 1104 Mov, 81/82 Lum, 24 Div, 27 Div), 109 (inv.45 Cx), 110 (inv. 429 Met), 111 (inv. 269 Met, 197 Min, 519 Mov, 479 Mov, 19 Tp, 695 Mov), 112 (inv. 33 Tp, 1452 Mov, 1387 Mov, 66 Mov), 113 (inv. 1658

Mov, 527 Mov), 114 (inv. 422 Mov, 126 Pint, 614 Mov, 1481 Mov), 115 (inv. 287 Mov, 685 Mov, 305 Mov, 481 Mov), 116 (inv. 484 Mov, 304 Mov, 24 Tp, 38 Rel), 117 (inv. 970 Mov, 1166 Mov, 1492 Mov, 330 Our, 329 Our, 97 Cx, 208-212 Vid, 96 Cx), 118 (inv. 117 Cx, 1494 Mov, 979 Mov), 119 (inv. 1174 Mov, 446 Lum, 558 Mov, 832 Mov), 120 (inv. 646 Mov, 3 MD, 94 Mov, 1415 Mov, 1183 Mov, 483 Mov), 121 (inv. 1650 Pint, 542 Mov, 808 Mov, 1154 Mov), 122 (inv. 982 Mov, 1015 Div, 1444 Mov, 1433 Mov, 1020 Mov, 986 Mov, 1495 Mov), 123 (inv. 871 Mov, 1184 Mov, 1578 Mov, 1576 Mov), 124 (inv. 1204 Mov, 1213 Mov, 1659 Mov, 10045 Grav, 1381 Mov, 1688 Pint), 125 (inv. 664 Mov, 1660 Mov, 1458 Mov, 1019 Mov);
DGPC/ADF/Luís Pavão: pág. 105 (inv. 434 Met);
DGPC/ADF: págs. 71, 114 (inv. 1376 Mov);
MNAA/Paulo Alexandrino: figs. 1-3, 6, 12-14, 18, 20-23, 27 e págs. 48-49, 51, 99, 102-103, 104 (inv. 1382 Mov), 124 (inv. MAR 84), 125 (inv. 497 Mov, 1457 Mov, 1024 Mov).

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

© Edição: MNAE e INCM, 2019

© Textos: os seus autores, 2019

ISBN

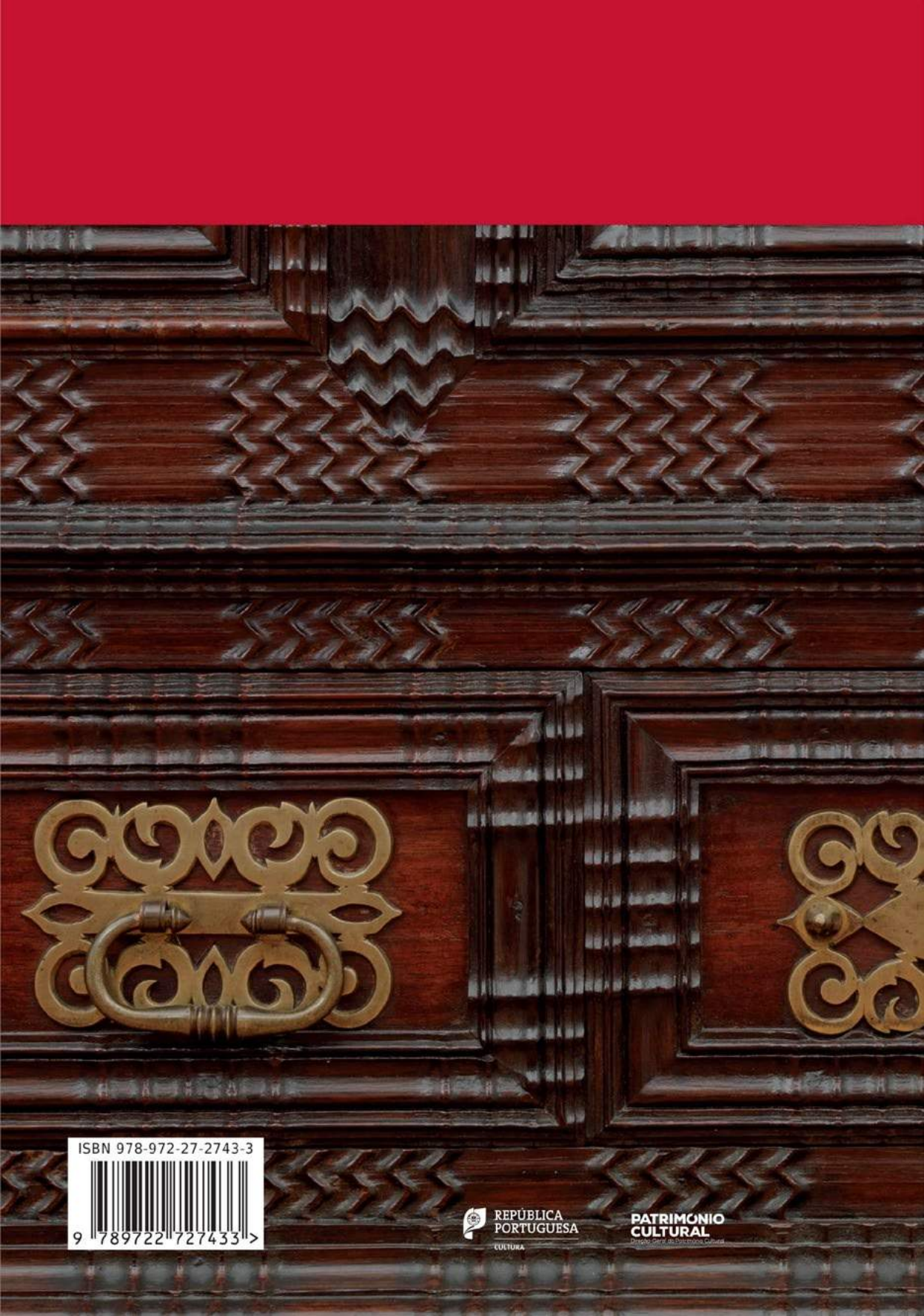
978-972-27-2743-3

DEPÓSITO LEGAL

450670/19

N.º DE EDIÇÃO

1023140



ISBN 978-972-27-2743-3



9 789722 727433 >



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL

Instituto do Património Cultural